

O ASTURIENSE EM PORTUGAL

POR

R. DE SERPA PINTO

A indústria preneolítica *asturiense* foi assim designada, pelos srs. Conde de la Vega del Sella e prof. H. Obermaier, por ter sido explorada sistematicamente pela primeira vez nas *Astúrias* (1914-1916) ⁽¹⁾.

Verificou-se depois que já fôra encontrada no SW. da *França* (Biarritz) uma estação desta cultura ⁽²⁾, o que levou o sr. Conde de la Vega del Sella a dizer em 1923: «*El límite oriental de estas cuarcitas asturienses es, pues, en la actualidad, Biarritz; pero es muy probable que esta industria se prolongue por el Golfo de Gascuña, reapareciendo en la región rocosa del Cabo Bretón, asi como por Occidente debe de continuar en la zona gallega*» ⁽³⁾.

Quanto à Galiza exprimiu a mesma opinião em 1923 o prof. Obermaier ⁽⁴⁾.

Em 1923 foram ainda divulgadas as estações de *Montgri* (Catalunha) ⁽⁵⁾ e da *Ilha de Houat* (Morbihan) ⁽⁶⁾; e em 1925 a de *Er Yoh* (Morbihan) ⁽⁷⁾.

⁽¹⁾ Obermaier, IV, pág. 334, ap. V; Conde de la Vega del Sella, XIV, pág. 8. Ver no fim a *Bibliografia*.

⁽²⁾ Obermaier, X, pág. 169; Conde de la Vega del Sella, XIV, pág. 32 e segs.

⁽³⁾ Conde de la Vega del Sella, XIV, pág. 35.

⁽⁴⁾ Obermaier, XV.

⁽⁵⁾ Pericot, XVI.

⁽⁶⁾ Dauntzberg et Fischer, XIX.

⁽⁷⁾ Le Rouzic et Mrs. S. J. Péquart, XXIX.

O R. P. Jalhay noticiou em 1925 a descoberta do asturiense na Galiza ⁽¹⁾, confirmando assim as palavras atrás transcritas.

Em 1928, êste mesmo arqueólogo, descrevendo a estação de *La Guardia* (Pontevedra), dizia: « *Os dois picos encontrados junto à foz do Minho e os sete que se recolheram mais ao Norte de La Guardia, indicam com tóda a probabilidade que essa indústria se terá também espalhado pelas costas portuguesas e aparecerá igualmente noutros pontos da Galiza* » ⁽²⁾.

A descoberta e exploração, pelo autor, das estações asturienses de *Ancora* e de *Añfe* (Fevereiro-Março, 1928) vieram justificar esta previsão.

Conhece-se já a distribuição do asturiense por 1600 km. de costa portuguesa, espanhola e francesa, estando porêem só uma pequena parte explorada.

A seguir estudamos as primeiras estações asturienses de Portugal, as mais meridionais até hoje conhecidas e a que é lícito supor que outras seguirão na costa portuguesa.

⁽¹⁾ Jalhay, XXVII.

⁽²⁾ Jalhay, XLI, pág. 10.

I

Estação asturiense de Ancora

Datam de 1925 os meus primeiros achados asturienses em *Ancora*, quando em Maio dêsse ano dei um passeio geológico pelo Minho, na companhia do sr. prof. Castro Portugal.

Ao atravessar a praia encontrei dois seixos lascados numa só face com um aspecto que não me pareceu natural. Guardei apenas um dêles (est. VII, 10), e, de regresso ao Pôrto, mostrei-o ao sr. prof. Mendes Corrêa, que não identificou o seu carácter arqueológico por se tratar duma peça isolada ⁽¹⁾.

Com a publicação, pelo meu ilustre amigo Rev. P.^o Eugénio Jalhay, de instrumentos de *La Guardia* (Pontevedra, Espanha) idênticos ao que eu trouxera de *Ancora*, inteirei-me da significação desta peça, o que pouco depois me foi confirmado por aquele esclarecido arqueólogo.

É curioso ter quasi coincidido a descoberta das vizinhas estações de *La Guardia* e *Ancora*, pois os primeiros instrumentos de *La Guardia* foram encontrados na primavera de 1925 pelo P.^o Joaquim da Silva Tavares ⁽²⁾.

Em Fevereiro de 1928 procedi ao reconhecimento da estação de *Ancora*, ajudado por senhoras da minha família, minha mãe e irmã, recolhendo logo mais de 160 picos de tipo asturiense e outros instrumentos.

Com as explorações efectuadas em Março seguinte, o número de peças recolhidas excede meio milhar.

Os picos ancórens são idênticos aos de *La Guardia*, e o

⁽¹⁾ M. Corrêa, XLIV.

⁽²⁾ Jalhay, XXVII, pág. 346.

sr. prof. H. Obermaier considera-os do asturiense típico, ainda que se lhes reconheçam modalidades novas.

Em *Afife*, ao sul do *Rio Ancora*, descobri já outra estação congénere, que será descrita mais adiante, e outras será possível revelar na costa portuguesa.

Situação

A estação prolonga-se pela praia, desde o *Forte de Ancora* (no lugar de Lagarteira) até *Moledo do Minho*. Penetra contudo pelo interior, como o prova o achado de dois picos e um pêso de rêde, numa excavação feita ao sul da vila, entre a estrada e a linha de caminho de ferro (km. 96), no local indicado no mapa (fig. 1) por uma cruz isolada (1).

A zona dos achados está separada do mar por uma orla de penedos (est. II, fig. 1, no primeiro plano), de largura variável entre 10 e 30 metros, circunstância que se dá também em *La Guardia* e *Afife*, e que reveste certa importância para a conservação da estação.

Efectivamente a parte da costa desprotegida, é formada por dunas de areia muito fina, que avançam por vezes para o interior, cobrindo as formações mais antigas.

Atendendo a este pormenor pode-se presumir a existência de outras estações costeiras em pontos onde também se encontram calhaus rolados (*Areosa*, *Viana do Castelo*, etc.).

Os instrumentos descobrem-se em maior abundância entre o *Forte* e a *Estação de Caminho de Ferro de Ancora* (est. I, fig. 1),

(1) O mapa da fig. 1 foi adaptado das folhas n.ºs 1 e 4 da *Carta geodésica de Portugal*, na escala 1 : 100.000, com a adição de alguns pormenores. Os achados asturienses estão localizados por pequenas cruces. A indicação das estações galegas devo-a ao Rev. P.º Jallhay, a quem testemunho o meu reconhecimento.

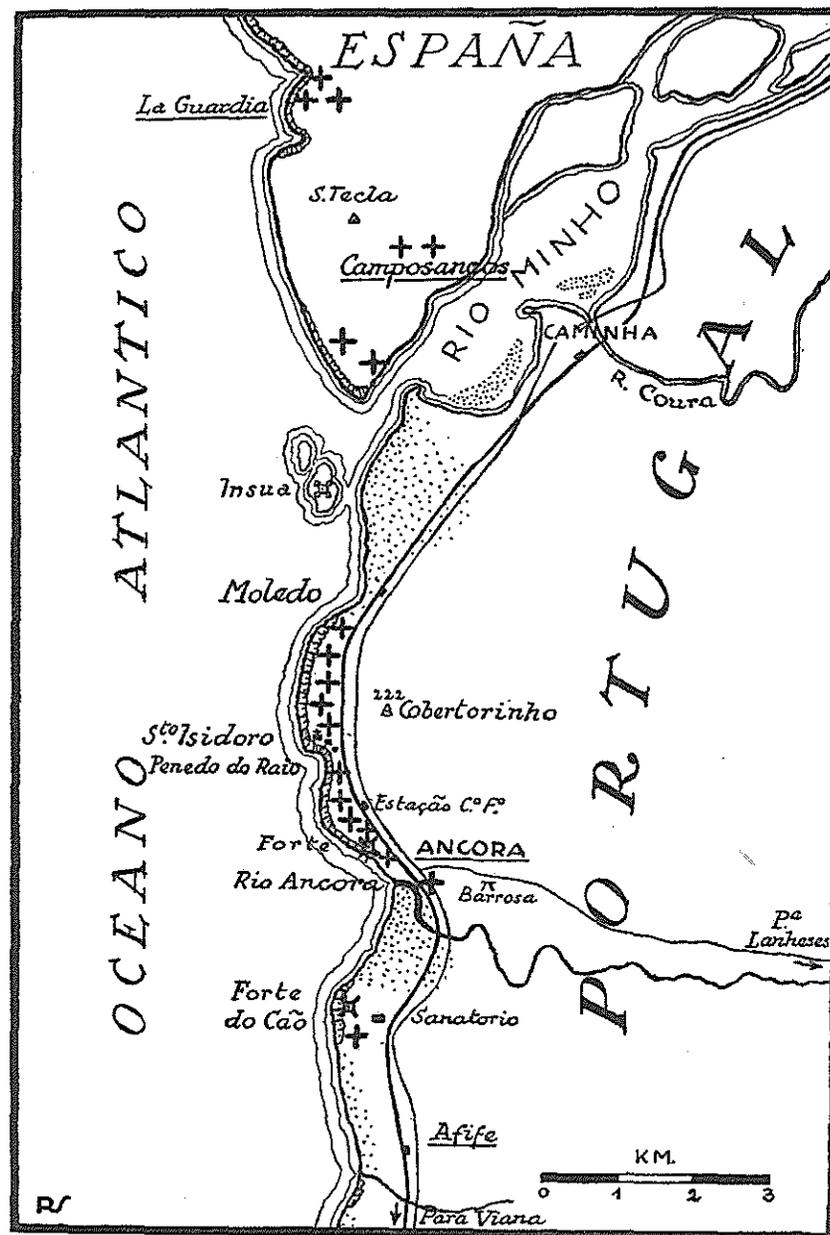


Fig. 1 — Mapa da costa minhota e galega com a indicação das estações asturienses. (Escala 1/100.000)

tendo sido recolhidos nesta zona os picos mais perfeitos e quasi todos os pesos de rêde.

Até *Moledo do Minho* os achados distribuem-se regularmente, sendo notáveis pelo seu tamanho os picos desta última localidade.

Perto da *Capela de Santo Isidoro* aumenta o número de exemplares recolhidos, devido talvez à praia ser mais abrigada, por formar uma enseada entre a capela e o *Penedo do Raio* (est. II, fig. 2) ⁽¹⁾.

A *Vila-Praia de Ancora* fica na margem direita e junto à foz do rio do mesmo nome, no concelho de *Caminha* e distrito de *Viana do Castelo*.

É servida pelo apeadeiro de *Ancora-Praia*, e, a norte dêste, pela estação de *Ancora*, da linha de caminho de ferro do *Minho* (km. 97).

A povoação é atravessada pela estrada de *Viana a Caminha*, entroncando com ela na praça a estrada para *Lanhezes e Ponte do Lima*.

A vila é de criação recente, com a designação de *Vila-Praia de Ancora*, no lugar de *Lagarteira*, da antiga freguesia de *Gontinhães* ⁽²⁾, para onde se deslocou, com

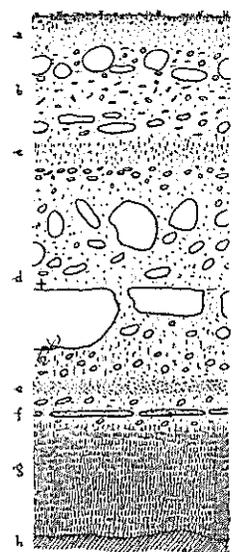


Fig. 2 — Corte de terreno
perto do Forte de Ancora.
1/25

(1) Interrogados uns pedreiros sobre a origem dêste nome, explicaram que fôra devido ao penedo ter sido fendido por um raio. Entre êste penedo e o menor, que está na fotografia à esquerda, fica um caminho por onde passam carros, o que dá ideia do seu tamanho.

(2) No onomástico medieval aparecem: *Gontin*, *Gontina*, *Gontinaes*, *Gontinha* e *Gontinho*. Cf. A. Cortesão, *Onomástico medieval português*. «O Archeólogo Português», XI, pág. 113.

o movimento balnear, a designação da vizinha freguesia de *Ancora*, situada junto ao rio na margem esquerda ⁽¹⁾.

O *Rio Ancora* nasce na *Serra de Arga* (816 m.) e desagua numa pequena enseada, defendida outrora pelo *Forte de Ancora*, a norte, e pelo *Forte do Cão* ao sul.

Antes da sua foz atravessa as aluviões modernas que enchem o vale, sobrepostas aos depósitos de quartzites roladas plio-pleistocenas. Descreve depois um grande meandro ao encontrar as dunas, que da sua margem esquerda se estendem pela costa até ao *Forte do Cão*.

Notas geológicas

É uma estação de ar livre, análoga às das praias de *Moulligna* (Biarritz), *Ciriego* (Santander) e *La Guardia*.

Os instrumentos encontram-se à superfície, ou a pequena profundidade cobertos por aluviões modernas, entre as quartzites roladas conhecidas vulgarmente por *seixos* (est. I, fig. 2), que forneceram o material para o seu fabrico.

Todos os instrumentos estão bem patinados, e alguns até um pouco rolados.

Recolhi um pico entalado entre dois penedos, na posição em que talvez o tivesse deixado o seu milenário possuidor.

A fôlha norte da *Carta Geológica de Portugal* (1899), por J. F. Nery Delgado e Paul Choffat, aponta granitos entre *Lagarteira* (Ancora) e *Moledo*, estendendo-se para o sul até ao *Monte de Santa Luzia* (552 m.).

Para o interior apresenta a côr convencional do pre-câmbrico e arcaico cortada pelo grande maciço granítico da *Serra de Arga*

(1) Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, vol. IV, pág. 15.

(783 m.), e por outros de menor importância em *Covas*, *S. Paio*, *Lanhelas*, etc. (1).

Na margem esquerda do Minho fica um grande depósito plio-pleistocénico, entre *Vila Nova de Cerveira* e *Monsão*, notável pela abundância de calhaus rolados (2).

As dunas cobrem a costa entre *Lagarteira* e *Afife*, e entre *Moledo* e *Caminha*.

Os granitos indicados na carta geológica estão na maioria metamorfizados (granitos gneissicos com turmalina e granadas). Nesta zona de contacto, dominada pelos três montes graníticos de *Santa Tecla*, *Serra de Arga* e *Santa Luzia*, abunda o estanho, que é explorado em vários pontos.

Os penedos da costa estão muito desgastados, apresentando numerosas e profundas *caldeiras de gigantes*, um pouco acima do actual nível do mar, o que sucede em outros pontos da costa (3).

Os calhaus rolados (seixos) encontram-se bastante para o interior, sobretudo no vale do *Ancora*, onde estão cobertos por aluviões recentes. Só em *Afife* os vi aglomerados, nos taludes sobranceiros à praia.

Em *Ancora* os habitantes extraem da praia, para o fabrico de argamassas, uma terra lodosa negra, a que chamam *barro*.

(1) Como me informa o sr. prof. C. Portugal, estas indicações da Carta Geológica são pouco precisas. Assim em *Covas* há gneisses e não granitos, etc. Cf. J. F. Nery Delgado, *Contribuições para o estudo dos terrenos paleozoicos*. «Com. do S. Geol. de Portugal», t. VI, pág. 57, Lisboa, 1904-1907.

(2) Segundo o sr. prof. C. Portugal, o pliocénico nota-se logo em *Caminha*, junto ao lugar de *Coura*, e a N. de *Santa Tecla* a W. de *Salcidos* (Galiza), e vai até *Monsão*.

(3) A. Nobre, *Traços geológicos das praias do Pôrto*, «Boletim do Atheneu Com. do Porto», 1892; Paul Choffat, *Preuves du déplacement de la ligne du rivage de l'océan*. «Comun. da Com. do Serv. Geol. de Portugal», t. VI, pág. 175, Lisboa, 1904-1907, e em portug. no «Bol. da Soc. de Geog. de Lisboa», 13.ª série, n.º 12, 1894.

Esta terra encontra-se coberta pela areia e por aluviões de aspecto recente, assentando sobre o granito, em diferentes condições que resumiremos.

No corte de terreno da fig. 2, temos de cima para baixo: a) pequena camada de terra vegetal e areia fina com conchas fragmentadas; b) calhaus rolados e lascas de quartzite e granito; c) terra e areia; d) calhaus rolados e grandes pedras; e) leito de areia fina; f) camada de placas de schisto quiastolítico e granatífero, denotando uma disposição artificial; g) terra negra, camada de possança variável; h) granito.

No ponto indicado com uma cruz encontrou-se um pico partido.

Esta disposição nota-se no talude que está na est. III, fig. 1, à esquerda; ao centro vê-se uma mancha de terra negra, à superfície da qual estava incrustado um pico grosseiro.

A camada f (fig. 2) tem cerca de 7 metros de comprimento e aspecto artificial, pois as placas de schisto estão colocadas lado a lado e são de pedra vinda do interior.

Mais ao norte aparece, também em parte coberto por terra, um lajeado granítico de pequena extensão.

Ocorre perguntar se se tratará de vestígios de um trabalho humano, talvez restos de habitações, de época imprecisa.

Próximo do local de que se descreveu o corte de terreno e no mesmo talude, a disposição das camadas mantém-se. Apenas, separada da terra negra da base (g) por uns 25 cm. de areia e calhaus, está um leito de outra terra (espessura 2 cm. e comprimento cerca de 2 m.) apresentando pequenos fragmentos carbonosos. Estas camadas não forneceram fauna nem objectos.

Mais ao norte, a terra negra apresenta grande possança, e está coberta apenas por uns 30 cm. de areia. À sua superfície e bem incrustados, encontrei restos ósseos dum equídeo de aspecto recente.

A terra negra também aparece perto do *Sanatório de Afife*, ao sul do *Rio Ancora*, coberta por calhaus rolados em abundância.

Por falta de tempo não se puderam analisar as duas espécies de terra. Porém o ilustre geólogo sr. prof. E. Hernández-Pacheco, a quem enviei amostras, pronunciou-se com a sua alta competência do seguinte modo (1):

«Pelo que se pode concluir duma pequena amostra, é a terra característica das estações ao ar livre onde se acumulou e decom pôs grande quantidade de matérias orgânicas como consequência de habitação ou acampamento prolongado num ponto; tem muita analogia com a que se encontra na excavação das cavernas nos chamados níveis de habitação.

«Não creio que se trate duma formação geológica extensa como os *tirz* de Marrocos, o *tchernoziom* da Rússia, as chamadas *terras de bugeo*, na Andaluzia, ou a das cercanias da Laguna de la Janda (Cadiz); mas sim a terra típica dos fundos de cabana ou de acampamentos pré-históricos ou proto-históricos.

«Na província de Valencia há sítios que ocupam extensões de cerca de alguns hectares, sítios que lá chamam *cenizales*, com uma terra negra como a de Ancora, que é muito fértil e onde se encontram abundantes restos proto-históricos, dum ibérico tósco e até romanos».

Ainda que por ora se não possuam elementos para avaliar da idade de certas formações lodosas que se encontram em pequena extensão na foz do *Rio Ancora*, é interessante aproximá-las doutras semelhantes da França e Espanha atribuídas ao *optimum* climatérico post-glaciário (2).

(1) Aproveito a ocasião para publicamente lhe manifestar os meus agradecimentos.

(2) Obermaier, xxiii, pág. 387; H. Pacheco e J. Dantin, iii; Welsch, iii-A e vi; Breuil, vii; Conde de la Vega del Sella, xl-A, pág. 60.

Nótulas arqueológicas

O *Vale do Ancora* é muito rico em monumentos megalíticos e estações pre-romanas, explorados na maioria por Martins Sarmiento.

O monumento mais importante é o *dolmen de Barroza*, a 1 km. aproximadamente da *Praça de Ancora*, na estrada para *Lanhezes*.

Tem os esteios imbricados, suportando sete dêles a mesa. O oitavo, que forma a cabeceira da câmara, foi partido quando descobriram o dolmen, ao lavrar a mamoa até então coberta por um pinhal. Foi esta a informação que me deram, ainda que M. Sarmiento julgue o facto propositado.

O dolmen é do tipo de corredor largo e desenvolvido, quasi se apresentando como continuação da câmara. Deve-se por isso incluír na lista dos dolmens típicos do eneolítico inicial português dada por Bosch Gimpera (1), juntamente com outros da *Galiza* (2).

O corredor estreita ligeiramente para a entrada, virada a nascente, inflectindo-se para nordeste. Compõe-se de dez pedras e mede cerca de 6 metros até à entrada da câmara.

A-pesar-de o dolmen já estar remexido, Martins Sarmiento recolheu um machado de diorite partido, uma ponta de seta de sílex avermelhado, metade duma conta de azeviche, fragmentos de louça grosseira e de telha romana (3).

(1) P. Bosch Gimpera, ix, pág. 151 e lam. 1. Barcelona, 1920; e P. B. Gimpera e L. Pericot, *Les civilisations de la péninsule ibérique pendant le néolithique et l'énéolithique*. «L'Anthr.», xxxv, pág. 418. Paris, 1925.

(2) Florentino L. Cuevillas e Fermin Bouza Brey, *Prehistoria e Folklore da Barbanza*, págs. 25 e 26. Cruña, 1928.

(3) F. Martins Sarmiento, *Materiaes para a archeologia do districto de Viana*, I, Antas, «Pero Gallego», n.º 11, pág. 3. Viana do Castelo, 1882; e na «Rev. Sc. Naturais e Sociais», vol. iv, pág. 25. Pôrto, 1896; Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, fig. 206-207. Paris, 1856; José Caldas, *Archéologie préhistorique dans la province de Minho*, Compte-rendu du Congrès Int. d'Anthr. et d'Arch. Préhistoriques, à Lisbonne 1880, págs. 346-348, pl. 1. Lisboa, 1884.

Perto dêste dolmen, conhecido por *lapa dos mouros*, ficavam a *anta do Pinhal do Santo de Ville* e a *cova da moura de Fraião*, onde M. Sarmiento menciona o achado de p \acute{o} ntas de seta e machados polidos (1).

Do comêço da idade do bronze devem ser as cistas rectangulares (*antelas e mamunhas*) da *Eireira, Chã das Varges, Maruco*

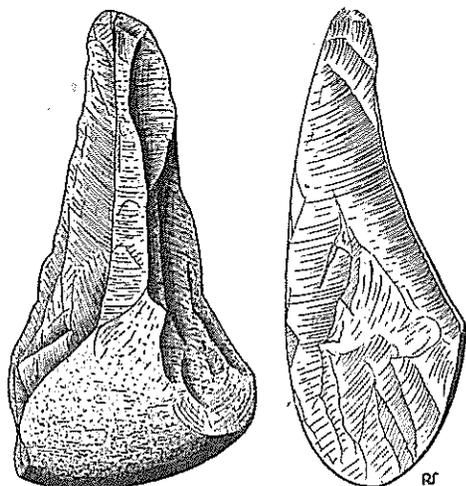


Fig. 3 . Pico asturiense de Ancora (de frente e de perfil). 1/2

das Águas e Cruzeiro da Portella, onde foi recolhido escasso material (2).

Cita ainda Martins Sarmiento as seguintes estações pre-romanas: *Crasto, Picoto dos Mouros e Santo Amaro*, na margem direita do *Rio Ancora*; e *Castro, Castro dos Mouros e Cidade*, na margem esquerda (3).

(1) F. M. Sarmiento, *Materiaes*, etc. «Pero Gallego», n.º 13, págs. 2-3.

(2) F. M. Sarmiento, *Materiaes*, etc. «Rev. Sc. Nat. Soc.», vol. iv, págs. 146 a 148; Cartailhac, *Les âges*, etc., pág. 159 e figs. 208 e 209, Paris, 1856; P. Bosch Gimpera, ix, págs. 167 e 173.

(3) F. M. Sarmiento, *Observações ácêrca do Valle do Ancora*, «O Pantheon», pág. 1, Pôrto, 1880; Cartailhac, *Les âges*, etc., pág. 292 e fig. 420.

Descrição da indústria

O instrumento mais abundante é o *pico* de tipo asturiense, com algumas diferenças morfológicas e variantes.

É um utensílio ponteagudo, talhado na face anterior dum calhau rolado de quartzite, cuja prensibilidade é facilitada pela superfície natural do seixo conservada sempre na base e na face posterior (fig. 3).

Segundo pude observar, já nas estações de: *Arronches* (1) e *Elvas* (2), nas margens do *Rio Caia*; *Casal do Monte* e *Damaia* (Lisboa) (3); *Pôrto* (4) e arredores dos *Arcos de Valdevez* (5), consideradas como do paleolítico inferior, aparecem alguns instrumentos de quartzite talhados dum só lado, e em que o talão e a face posterior são formados pela superfície rolada do seixo.

O mesmo se nota em algumas estações paleolíticas espanho-

(1) H. Breuil, *La station paléolithique ancienne d'Arronches* (Portalegre), «O Archeólogo Português», vol. xxiv, págs. 47-55, Lisboa, 1920; Colecção do Museu Etnológico Português (inédita).

(2) Descoberta pelo sr. Lerenó Antunes (inédita). Vi alguns instrumentos nas colecções do M. Etnológico e do sr. dr. Joaquim Fontes. Na colecção do autor existe, por oferta do sr. Lerenó, um instrumento de Elvas absolutamente idêntico a um pico, talhado numa só face, e outros semelhantes; juntamente com outros que pelo aspecto parecem do paleolítico inferior, alguns mesmo com o talhe bi-facial em zigue-zague.

(3) Nas colecções do M. Etnológico, drs. Vergílio Correia e J. Fontes. Bibliografia: J. Fontes, *O homem fóssil em Portugal*, Lisboa, 1923 e do mesmo xxv, pág. 12 ou xxvi, pág. 249.

(4) No Museu dos Serviços Geológicos (Lisboa). F. de Vasconcelos P. Cabral, *Résumé d'une étude sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro*, C.-r. du Congrès Int. d'Anthr., etc., 1880, fig. 2, pl. III, Lisboa, 1884 e J. Fontes, *Instruments paléolithiques des environs de Porto* «Bull. Soc. Portugaise des Sc. Nat.», vol. VII, pág. 17, pl. II, Lisboa, 1915 e Comunicações da Dir. dos Serviços Geológicos, vol. XII, Lisboa, 1916.

(5) Descobertas inéditas do R. P. José Saraiva de Miranda em Ermelo, S. Jorge, etc. Na colecção do sr. dr. Joaquim Fontes.

las: *bacia do Guadiana* ⁽¹⁾, *Derramaderos* ⁽²⁾, *Camposancos* ⁽³⁾, *Valladolid* ⁽⁴⁾, *Cueva Morin* ⁽⁵⁾, etc., e noutras estrangeiras.

Nos *picos asturienses*, tal como os representa o sr. Conde de la Vega del Sella ⁽⁶⁾, depois de ter separado utensílios semelhantes de outros níveis que com êles se encontravam, o lascado dos dois bordos une-se numa aresta média, que tem em geral mais de metade do comprimento do pico. Neste caso a linha que separa o

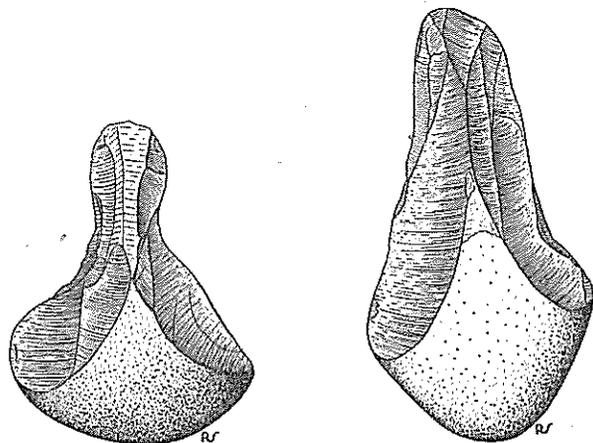


Fig. 4

Picos asturienses de Ancora. 1/2

Fig. 5

talão da superfície lascada tem pequeno desenvolvimento, e o talão é reduzido. Além disso os bordos são em geral côncavos.

Os instrumentos de *Ancora* propriamente dêste tipo são em

(1) H. Breuil, *Glances paléolithiques anciennes dans le bassin du Guadiana*, «L'Anthr.», t. XXVIII, págs. 1-19, Paris, 1917.

(2) E.-H. Pacheco, III, pág. 20.

(3) J. Fontes, XXV e XXVI.

(4) Santa Olalla, XXXI.

(5) Conde de la Vega del Sella, *El paleolítico de Cueva Morin (Santander)*, etc., págs. 46-47, «Mem. C. I. P. P.», n.º 29, Madrid, 1921.

(6) Conde de la Vega del Sella, XIV, págs. 13 e segs.

pequeno número, notando-se sobretudo entre os fabricados de seixos curtos (ests. II e III).

Nos *picos ancórenses* (cêrca de 40 %) a superfície rolada que forma o talão prolonga-se pela face anterior, muitas vezes quasi até à extremidade do pico (fig. 8).

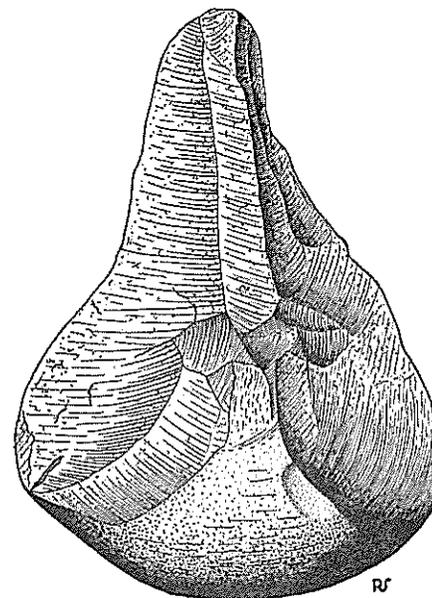


Fig. 6 - Grande pico asturiense de Ancora (Penedo do Raio). 1/2

Entre os picos de *Ancora* aparece um tipo novo, em que a aresta média é substituída por uma facêta (fig. 3). Encontra-se também em *La Guardia* ⁽¹⁾.

A facêta média toma grande desenvolvimento nos *picos espalmados*, em que a face anterior é lascada quasi até à base (est. IV, e fig. 11). Êste tipo foi apontado pela primeira vez em *La Guardia* ⁽²⁾, onde é mais abundante do que em *Ancora*.

(1) Jalhay, XLI, est. III no centro.

(2) Jalhay, XLI, págs. 8 e 9, fig. 3.

Menos vulgares são uns *machadinhos*, com um pequeno gume talhado na extremidade de seixos alongados de secção quasi circular (est. VIII, 7 e fig. 12). Estes instrumentos foram descritos pelo sr. Conde de la Vega del Sella, como menos frequentes do que os picos, com a designação de *hachuelas* ⁽¹⁾.

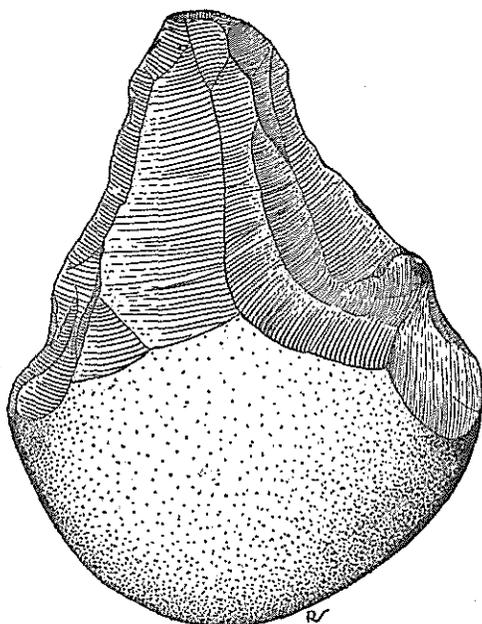


Fig. 7 — Grande pico asturiense de Moledo do Minho. 1/2

Por último em alguns instrumentos que, por comodidade e por aparecerem com relativa abundância (20 0/0), designaremos por *picos arredondados* ⁽²⁾, o gume é curvilíneo e contínuo (fig. 13).

(1) Conde de la Vega del Sella, XIV, pág. 16, figs. 7 e 8.

(2) Esta designação não é correcta, pois por definição não se concebe um pico arredondado. Segundo o sr. prof. Leite de Vasconcelos a expressão própria seria *instrumento piquiforme arredondado*. Preferimos a primeira por ser mais simples e indicar que se trata dum instrumento do formato geral dum pico, mas com o gume curvilíneo. Se não estivesse consagrado para o paleolítico inferior o nome «machado de mão», seria aqui o indicado, visto haver o precedente dos «machadinhos» e quadrar ao seu aspecto.

A estes instrumentos, que não vemos descritos nas estações congêneres, parece cabido o nome pela sua morfologia, que os assemelha a *coups-de-poing* de algumas estações paleolíticas.

Com menor frequência aparecem *pesos de rede* (fig. 19), *raspadores* (fig. 17) e *lâminas* (figs. 15 e 16).

Nítidamente do tipo do paleolítico inferior só foi encontrado um *coup-de-poing* (fig. 20), talhado nas duas faces e com o bordo em zigue-zague.

Dentro dos actuais conhecimentos do paleolítico português, é impossível separar instrumentos do paleolítico superior, pre-asturienses, que se encontrem juntos com os picos de tipo asturiense.

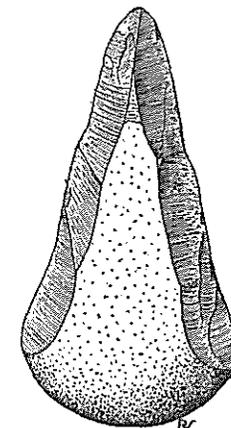


Fig. 8 — Pico ancorense de Ancora. 1/2

Devido ao grande número de exemplares recolhidos, é fácil reconhecer estes grupos, ainda que não nos iludamos com o que tem de convencional esta divisão. Algumas vezes, como é natural, não se podem estabelecer distinções para instrumentos que participam dos caracteres de dois grupos; o mesmo tem sucedido em circunstâncias análogas a vários autores.

• Parece-nos que muitos instrumentos não obedecem a necessidades diversas de utilização, mas a modalidades diferentes de fa-

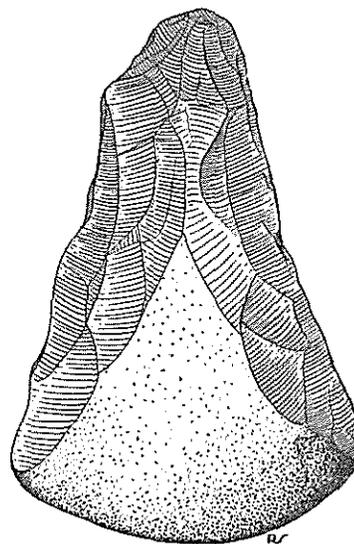


Fig. 9 — Grande pico ancorense de Moledo do Minho. 1/2

brico, determinadas sobretudo pela forma e dimensões dos seixos empregados e pelos acasos do talhe. Assim é que, dentro dos tipos citados, a maior diferença que se nota é devida ao seixo ser longo ou curto, e ainda muito ou pouco espesso, o que se pode verificar examinando as estampas.

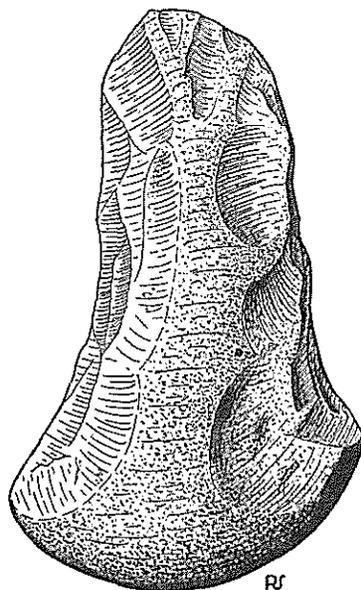


Fig. 10—Pico sub-retangular de Ancora. 1/2

Como já se disse, excede 500 o número de *picos* recolhidos, o que torna *Ancora* a estação asturiense mais rica que por ora se conhece (1).

Picos

O tipo de *pico asturiense* está representado na est. V e na fig. 3. Êste último exemplar é de quartzite branco-amarelada,

(1) Jalhay, XLI, págs. 7 e 8. Em *La Guardia* colheu êste arqueólogo 110 picos; e a *Cueva de la Franca*, a mais rica das Astúrias, deu 40 picos.

apresentando a facêta média já descrita. O n.º 5 da est. V merece também referência pela sua delicadeza e pequenas dimensões ($8,5 \times 5 \times 3$ cm.).

Nalguns exemplares da est. V (n.ºs 2, 3 e 4) o talhe nos dois bordos é quasi perpendicular à superfície do seixo, restando no meio uma estreita faixa da superfície rolada, que os assemelha a picos das *Cuevas del Penicjal* (1) e de *Arnero* (2), e de *La Guardia* (3).

O pico da fig. 4, do tipo curto, é de quartzite cinzento-escuro. Na parte média apresenta um estrangulamento, o que lhe dá um aspecto particular.

Devido à forma do seixo o pico da fig. 5 tem a empunhadura muito semelhante à dum exemplar da *Cueva del Penicjal* (4). Representámo-lo para mostrar como muitas vezes a forma do instrumento é determinada pelas características do seixo empregado na sua execução.

O comprimento dêstes instrumentos tem um valor médio de 11 cm., análogo ao dos picos das *Asturias* (5).

Encontram-se no entanto em *Ancora* grandes instrumentos, talvez os maiores que se conhecem no asturiense.

O pico da fig. 6 foi encontrado junto do *Penedo do Raio*, tem as arestas muito vivas e apresenta a facêta média. Mede $15 \times 11,5 \times 5$ cm. e pesa 750 grs.

Maiores dimensões ($16 \times 13 \times 5,5$ cm.) tem o pico da fig. 7, apesar-de ter a ponta partida. Pesa 1300 grs. e foi recolhido

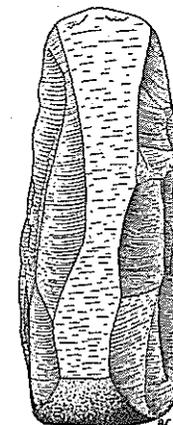


Fig. 11—Pico espalmado de Ancora. 1/2

(1) Conde de la Vega del Sella, II, fig. 4.

(2) Ibid., XIV, fig. 3.

(3) Colecção do R. P. Jalhay no Instituto Nun'Alvares (*La Guardia*).

(4) Conde de la Vega del Sella, II, fig. 3.

(5) Ibid., XIV, pág. 14.

próximo de *Moledo*, onde abundam os instrumentos de grande tamanho.

Pelas suas dimensões e pêso êstes instrumentos deviam talvez ser utilizados com ambas as mãos.

A-par dêstes há instrumentos minúsculos como os n.ºs 3 a 5 da est. VIII.

Varia o seu pêso entre 50 e 145 grs. e o comprimento entre 6 e 7,5 cm. O n.º 4 tem o tamanho dos pesos de rêde, que estão ao lado (n.ºs 1 e 2). Foi encontrado perto do *Penedo do Raio*, juntamente com o pico grande da fig. 6.

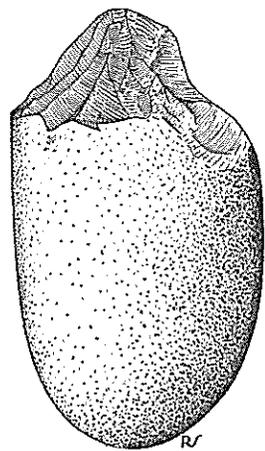


Fig. 12 — Machadinho de Ancora.
1/2

Nos *picos ancorenenses* é muito frequente prolongar-se pela face anterior a superfície rolada do seixo (fig. 8), de modo a tornar muito reduzido o comprimento da aresta média.

Esta superfície lisa toma formas variadas, em geral é triangular ou trapézoidal.

O pico da fig. 9 é um grande instrumento dêste tipo, encontrado perto de *Moledo*. Mede $14 \times 9,5 \times 5$ cm. e pesa 750 grs.

Na est. VI estão reunidos picos curtos de diversos tipos.

Os picos de formato sub-retangular (est. IV, n.ºs 6 a 10), de aspecto muito grosseiro, são particulares a *La Guardia* (1) e *Ancora*, onde se encontram na percentagem de cêrca de 14 %. O da fig. 10 é um belo exemplar, um pouco rolado, em que a superfície natural do seixo se prolonga quási até à extremidade da face anterior. Mede $15 \times 9 \times 4$ cm. e pesa 680 grs.

(1) Jalhay, XXVII, fig. 3 e do mesmo XLI, ests. III e IV.

Alguns instrumentos, que não estão representados, são rectangulares, estando talhados em três bordos que se cortam em ângulo recto.

Os *picos espalmados* (est. IV, n.ºs 1 a 5) encontram-se em menor abundância (6 %) do que em *La Guardia* (1).

O pico espalmado da fig. 11 tem a face anterior plana em tôda a extensão e os bordos talhados quási perpendicularmente a ela.

Nesta figura, na est. IV, e em muitos exemplares por representar, nota-se a transição do pico com aresta média desenvolvida para o pico espalmado, pelo desenvolvimento da facêta média, que resulta dum modo particular de fabrico do pico. Nestes casos a primeira pancada tirava uma lasca no sentido do comprimento do seixo, e só depois eram desbastados os bordos.

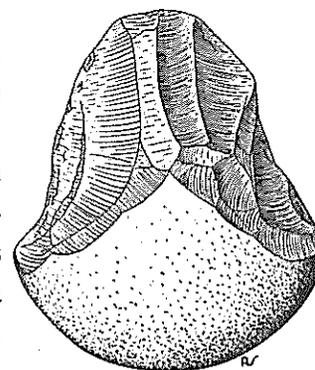


Fig. 13 — Pico arredondado de Ancora.
1/2

As *machadinhas* (esp., *hachuela*) da fig. 12 e est. VIII, n.º 7, são do tipo asturiense das *Cuevas de la Franca*, *Arnero* e de *Penicual* (2). Também na *Cau del Duc*, de *Torroela de Montgri*, se encontraram instrumentos análogos (3).

Os *picos arredondados*, com um bordo curvilíneo cortante, estão representados nas figs. 13 e 14, e est. VII, onde se destaca o n.º 3 pela sua forma elegante.

O instrumento da fig. 14 tem semelhanças com outro de

(1) Jalhay, XLI, págs. 7 e 9. Em 110 picos são espalmados 15, ou sejam 13,5 %, o dôbro de *Ancora*.

(2) Conde de la Vega del Sella, II, fig. 6 e do mesmo XIV, fig. 7, onde a «hachuela» de *Penicual*, por lapso, está dada como de *la Franca*.

(3) Pericot, XLV, figs. 42, 44 e 45.

Camposancos (1), com outro inédito de *Elvas* encontrado pelo sr. Lerenó Antunes (na colecção do autor), e com um «hendidor» da *Cueva de Fonfria* (2).

Na *Cau del Duc* (Torroela de Montgrí) os instrumentos teem na maioria o gume curvilíneo, e são talhados sobretudo na extremidade sem formar a aresta média (3).

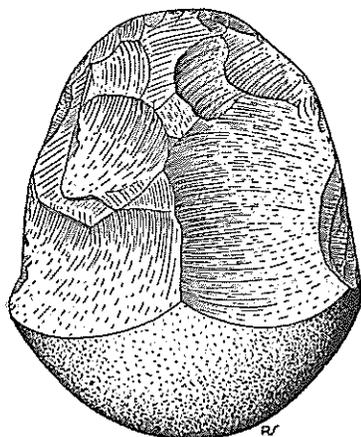


Fig. 14 — Grande pico arredondado de Ancora. 1/2

Lâminas

As lâminas de quartzite das figs. 15 e 16, encontradas em *Moledo* e *Ancora*, são dum tipo muito raro nas estações pré-históricas peninsulares.

Da *Cau del Duc* (Torroella de Montgrí) descreve o dr. Pericot cinco lâminas de quartzite um pouco diferentes, medindo a maior 7 cm. (4).

As lâminas *ancorenses* são fabricadas dum lasca, muito desbastada nos bordos, de modo a produzir instrumentos alongados de gume cortante. A ponta pode ser aguda ou arredondada.

Nas lâminas representadas conserva-se ainda a facêta anterior da primitiva lasca, e na face posterior a superfície rolada do seixo. Noutras o talhe dos dois bordos encetou mais a lasca e reüine-se numa aresta a todo o comprimento.

Os exemplares das figs. 15 e 16 medem respectivamente 9 e 11,5 cm. de comprimento, e pesam 130 e 185 grs.

(1) J. Fontes, XXV e XXVI, fig. 1.

(2) Conde de la Vega del Sella, v, lam. XLIII, fig. 2.

(3) Pericot, XLV.

(4) Pericot, XLV, fig. 50.

A particularidade mais notável dêstes instrumentos é um chanfro basal, do mesmo lado em ambos os exemplares, que talvez servisse para o seu encabamento, como nas pontas de sílex com chanfro basal (*punta de muesca; pointe à cran*) do paleolítico superior.

Raspadores

Na fig. 17 está representado um raspador discóide de quartzite. É feito dum lasca oblonga, conservando na face posterior a superfície rolada do seixo, com retoques marginais na face anterior. Está levemente rolado. Pesa 260 grs. e mede $11,7 \times 60,7 \times 2$ cm.

Na est. VIII, n.ºs 6 e 8, figuram dois raspadores de quartzite, sendo muito cuidado o trabalho do n.º 6, que é comparável a instrumentos de *Camposancos*.

O instrumento da fig. 18 é dum formato menos vulgar, encontrando-se espalhado por tôda a estação.

Estes instrumentos lembram tipos do paleolítico inferior (1), mas nas *Astúrias* há raspadores asturienses semelhantes àqueles (2).

Na *Cueva del Penical* (3) e em *La Guardia* (4) também apparecem discos ou raspadores congêneres.

De *Casal do Monte* conheço raspadores de quartzite fabricados dum lasca retocada nos bordos e conservando numa das faces

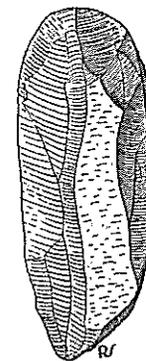


Fig. 15 — Lâmina de quartzite de Moledo do Minho. 1/2

(1) Conde de la Vega del Sella, *El paleolítico de Cueva Morin*, etc., pág. 46 e fig. 19 (raspadores mustierenses).

(2) Ibid. XIV, pág. 19.

(3) Ibid. II, pág. 7, fig. 5 e est. III.

(4) Jalhay, XLI, pág. 9.

a superfície rolada do seixo. O mesmo sucede em exemplares do *Casal do Muntal* (Loures) ⁽¹⁾.

Na *Cau del Duc* (Torroella de Montgrí), apareceram alguns instrumentos ovais com retoques nos bordos, de quartzite, e tendo a superfície inferior rolada ⁽²⁾.

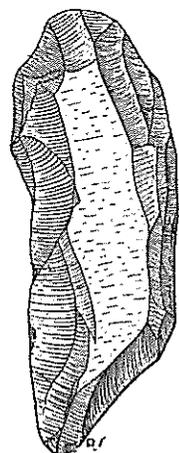


Fig. 16 — Lâmina de quartzite de Ancora, 1/2

Pesos de rêde

A fig. 19 representa sete pequenos pesos ⁽³⁾, fabricados de seixos alongados, com dois chanfros nas extremidades do diâmetro menor, na posição provável em que deviam ser empregados.

Como estes objectos se encontram bastante rolados e o seu achado se deu numa estação costeira, é admissível a hipótese de serem pesos de rêde.

Confirmam esta atribuição: o seu diminuto pêso — de 45 a 150 grs. — e exíguas dimensões — de 5,4 a 8 centímetros —, pois difficilmente serviriam para outro fim.

Estes instrumentos foram descritos pela primeira vez na estação asturiense de *La Guardia* ⁽⁴⁾, tendo também sido recolhidos na vizinha estação de *Camposancos*.

(1) No «M. Etnológico Português», n.ºs 1250 e segs.; e nas colecções dos srs. dr. J. Fontes e dr. Vergílio Correia.

(2) Pericot, XLV, figs. 51, 1 e 2.

(3) Os n.ºs 1 e 2 estão representados com o mesmo número na est. VIII. Os pesos da fig. 19 estão distribuídos pelas seguintes colecções: n.ºs 1, 3, 4 e 5, no «Museu de Antropologia», do Porto; n.º 2, na col. do R. P.º Jalhay; n.º 6, no «Museu Etnológico Português»; n.º 7, no «Museu Nac. de Ciencias Naturales», de Madrid.

(4) Jalhay, XLI, pág. 9.

Não se encontraram ainda nas outras estações asturienses da península.

O sr. Conde de la Vega del Sella não vê impossibilidade para que os pesos de rêde sejam asturienses, desde que se encontrem na maioria das estações onde aparecem os picos, o que por ora só se deu nas estações do litoral atlântico (*Camposancos*, *La Guardia* e *Ancora*).

O pêso n.º 3 (fig. 19) foi encontrado juntamente com dois

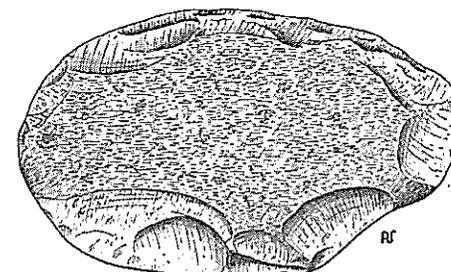


Fig. 17 — Raspador discoide de quartzite. Ancora, 1/2

picos, numa excavação para os alicerces duma casa, à saída da Vila de *Ancora* pela estrada de *Viana*, e entre a estrada e a via férrea.

Estes objectos podem considerar-se pouco vulgares, pois a percentagem para os objectos encontrados é de cêrca de 1,5 em *Ancora* e de 4 em *La Guardia* ⁽¹⁾.

Encontram-se pesos análogos: talvez no neolítico do *Castelo de Pavia* ⁽²⁾; no eneolítico em *Pepim* ⁽³⁾; na segunda idade do ferro

(1) Jalhay, XLI, pág. 9; cinco pesos para cêrca de 120 instrumentos em *La Guardia*.

(2) Vergílio Correia, *El neolítico de Pavia*, «Mem. C. I. P. P.», n.º 27, pág. 18. Madrid, 1921.

(3) Exploração inédita do ilustre arqueólogo sr. José de Pinho, que me comunicou ter aí encontrado dois instrumentos semelhantes aos picos asturienses. Nesta estação, como nos castros do interior (S. Julião, Briteiros, etc.), os pesos apresentam maiores dimensões e são logicamente considerados como pesos de tear.

em *Santa Olaya*; na cultura dos castros do norte de *Portugal* e da *Galiza* em: *Sabroso* e *Briteiros* ⁽¹⁾, *S. Julião de Caldelas* ⁽²⁾, *S. Tecla* ⁽³⁾, *Oya* ⁽⁴⁾, etc., alcançando em alguns destes castros a dominação romana. Na estação de *S.ª Olaya* (Montemór-o-Velho) da segunda idade do ferro I ⁽⁵⁾, apareceram pesos de rêde deste tipo, mas feitos de fragmentos de vasos de barro ⁽⁶⁾.

Coup-de-poing

Este instrumento, fabricado dum seixo de quartzite avermelhada, é único na colecção.

É de formato sub-rectangular e foi talhado a grandes lascas nos bordos das duas faces, de modo a produzir um gume em zigue-zague (fig. 20).

Foi encontrado isolado numa enseada, ao sul da capela de *Santo Isidoro* (fig. 1), onde abundam as quartzites roladas. Pesa 380 grs. e mede $10,8 \times 60,4 \times 30,2$ cm.

O talão é formado pela superfície natural do seixo, que se prolonga pelas duas faces, devido ao talhe ter sido apenas executado nos bordos, como sucede em grande número dos *coups-de-poing* portugueses (*Elvas*, *Arronches*, *Casal do Monte*, *Campolide*, etc.).

Por estas características, que o identificam com outros instru-

(1) Cartailhac, *Les âges*, etc., pág. 276 e no «Museu de Guimarães».

(2) J. Fontes, *La station de S. Julião aux environs de Caldelas*, «Bull. de la Soc. Port. des Sc. Nat.», págs. 201-203, vol. VII. Lisboa, 1916.

(3) Julián López García, *La citania de S.ª Tecla*, etc., pág. 109 e figs. 63 e 64. La Guardia, 1926; e no «Museu de La Guardia».

(4) E. Jalhay, *Un nuevo castro gallego*, (Oya, Pontevedra). «Bol. A. C. P. M. H. A. O.», t. VIII, n.º 173, pág. 39. Orense, 1927.

(5) B. Gimpera, IX, págs. 189, 190 e 205.

(6) A. Santos Rocha, *Estações pre-romanas da idade do ferro nas vizinhanças da Figueira*, I, *Santa Olaya*. «Portygalia», II, pág. 350, figs. 249 a 254, est. XXVIII.

mentos do paleolítico inferior, considero-o um *coup-de-poing*. Por outro lado a conservação, em ambas as faces, de grande porção da superfície rolada, lembra a técnica de grande parte dos instrumentos ancorenenses.

Este tipo de *coup-de-poing* não é contudo novo na península. Encontra-se por exemplo em *Camposancos* ⁽¹⁾ e *Casal do Monte* ⁽²⁾.

Um dos machados de mão de *Montgri* ⁽³⁾ é semelhante, porém uma das faces conserva pouca superfície rolada.

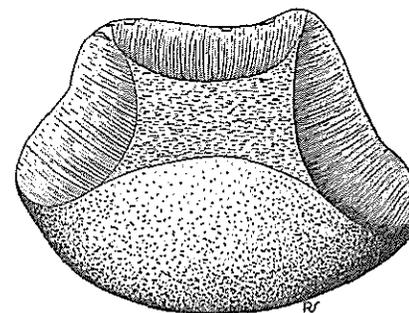


Fig. 18—Raspador de quartzite. Ancora. 1/2

Como na praia de *Cirlego* (Santander) ⁽⁴⁾ e talvez na estação de *Camposancos*, temos a mistura da indústria asturiense com a propriamente do paleolítico. Por se tratar duma estação ao ar livre não se pode afirmar até onde ela chega, visto nada se conhecer sobre o paleolítico superior em *Portugal*, durante o qual parecem persistir tipos primitivos.

(1) J. Fontes, XXV, fig. 4.

(2) No Museu de Antropologia do Porto (por oferta do sr. dr. Vergílio Corrêa ao A.), no Museu Etnológico e na colecção do sr. dr. J. Fontes, segundo pude observar.

(3) Pericot, XLV, fig. 47, 2.

(4) Conde de la Vega del Sella, XXXIX, pág. 393; Obermaier, XXIII, pág. 174.

Fabrico dos picos

Os instrumentos são fabricados grosseiramente de seixos de quartzite, lascados numa só face, mantendo-se intacta a oposta.

Para obter os picos começava-se a lascagem da ponta para a base, retocando depois as imperfeições produzidas, como se depreende do exame dos instrumentos e de lascas encontradas em abundância.

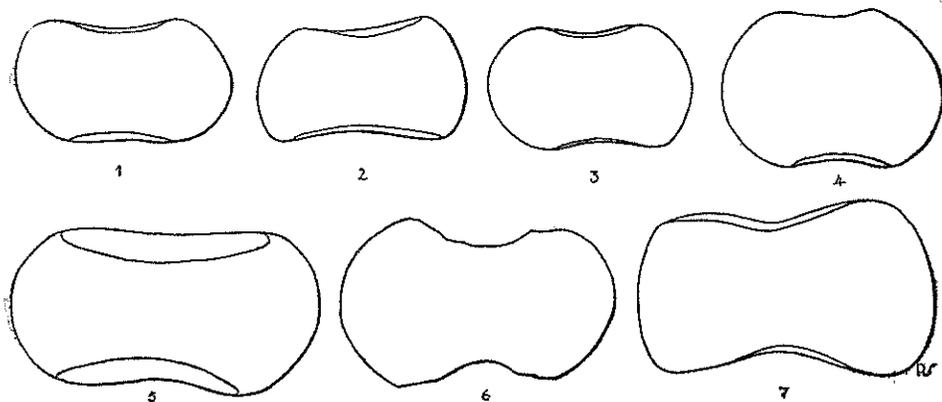


Fig. 19 — Pesos de réde. Ancora. 1/2

Na fig. 21 está representada uma lasca de quartzite, orientada na posição que devia ocupar no seixo, i. e., junto à base e à esquerda. Na face superior apresenta dois cortes produzidos no fabrico do pico, e na face posterior um só, com o bolbo de percussão bem nítido.

As lascas dêste tipo encontram-se principalmente na vizinhança do forte de *Ancora* (fig. 1, est. 1), onde se recolheu o maior número de instrumentos, que deviam ser fabricados no local.

Nas grutas das *Astúrias* também se encontraram vestígios de fabrico, representados por lascas e picos começados ⁽¹⁾.

(1) Conde de la Vega del Sella, XIV, pág. 18. Êste eminente arqueólogo conseguiu reproduzir picos idênticos aos asturienses. *Ibid.*, pág. 14.

Da *Cau del Duc* (Torroella de Montgrí) descreve o dr. Pericot algumas lascas de quartzite semelhantes às de *Ancora*, como tendo sido aproveitadas como pontas ou punções ⁽¹⁾.

Utilização

Os picos pela sua forma oferecem uma fácil preensibilidade que exclui a ideia de encabamento, o que concorda com a utilização que lhes é atribuída.

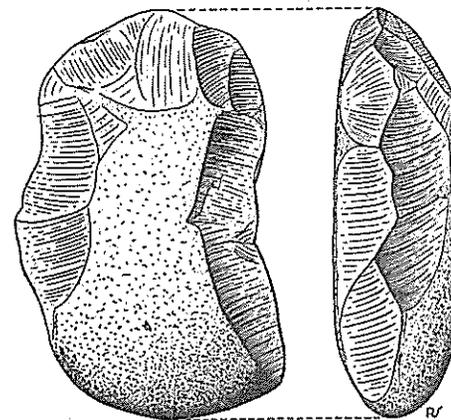


Fig. 20 — «Coup-de-poing» de Ancora (Santo Isidoro). 1/2

Alguns grandes exemplares, cujo pêso ultrapassa um quilograma, teriam de ser manejados com ambas as mãos, sendo talvez destinados a um fim diverso do dos outros picos.

Nas grutas das *Astúrias* o *asturiense* manifesta-se em «concheiros», depositados à entrada das grutas e caracterizados pelos picos, pela falta de cerâmica e pela fauna (troquídeos, etc., ausência de *Littorina littorea*).

Uma das espécies predominantes nos concheiros asturienses é a lapa (*Patella vulgata*, Lin.), o que levou o sr. Conde de la

(1) Pericot, XLV, fig. 49.

Vega del Sella a concluir que os picos seriam empregados na sua extracção dos rochedos, aos quais êste molusco adere fortemente, quando se pretende arrancar (1).

É esta também a opinião do prof. Breuil a respeito de instrumentos de quartzite, muito parecidos com os asturienses, das estações de *Er Yoh* e ilha de *Houat* (2). Efectivamente a forma do pico presta-se admiravelmente a êste fim.

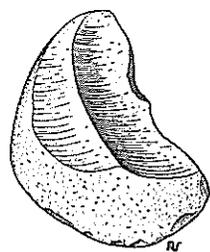


Fig. 21 — Lascas de quartzite.
Ancora, 1/2

Já referimos que em quasi tôdas as estações do paleolítico português se encontram instrumentos lascados dum só lado, o que não constitui por si só característica do asturiense, mas antes uma técnica especial para conseguir um bordo cortante contínuo, em contraposição ao bordo em zigue-zague típico do chelense. O pico asturiense, ainda que de talhe paleolítico (3), constitui um instrumento de morfologia própria, notavelmente diferenciada na região cantábrica.

Actualmente, nas praias de *Ancora* e de *Moledo do Minho*, recolhem-se entre outras as seguintes espécies:

Patella vulgata e *P. athletica* (?); *Mytilus edulis*; *Littorina littorea* e *Lit. obtusata*; *Trochus lineatus*; *Gibbula cineraria*; etc. (4).

(1) Conde de la Vega del Sella, XIV, pág. 16 e XXIV, pág. 171.

(2) Dauntzberg et Fischer, XIX; Le Rouzic et Saint-Just Péquart, XXIX.

(3) Conde de la Vega del Sella, XXXIX, pág. 392.

(4) Espécies recolhidas pelo autor e existentes no Museu de Zoologia da Universidade do Pôrto.

II

Estação asturiense de Afife

As pesquisas efectuadas a sul do *Rio Ancora* (em 30 de Março de 1928) provaram já a existência duma estação asturiense próximo de *Afife* (1).

Entre o *Rio Ancora* e o *Forte do Cão* (cota 13) ficam extensas dunas, que se prolongam para o interior (V. mapa fig. 1).

Um pouco antes do Forte começa a corda de penedia, como em *Ancora*, sendo a praia formada unicamente de burgau. Os seixos em alguns pontos veem-se no talude, ligados por um cimento ferruginoso. Estão cobertos pela duna e assentam sobre a rocha. Êste depósito não está indicado na carta geológica de *Portugal*, onde só figuram as dunas.

Ao sul do Forte continua a penedia seguida pouco depois de areal até ao ribeiro de *Afife*, na foz do qual se erguem penedos muito curiosos, pois estão todos cobertos de pequenos cristais emaranhados, devido à erosão superficial do micaschisto quiasolítico que os forma.

O areal continua daí até *Montedor*, onde reaparece a penedia.

Em frente ao *Sanatório de Afife* (fig. 2, est. III) recolhi seis picos, entre os rochedos da praia.

A pequena distância, sob os calhaus rolados e a duna, aparece terra negra como a de *Ancora*.

Os picos de *Afife* em nada diferem dos de *Ancora*. São de tamanho médio e estão um pouco rolados.

(1) Nas inquirições de 1258 já figura a vila de *Afffi*. Cf. A. Cortesão, *Onom. mediev. port.* « Arch. Port. », VIII, 193.

Em metade dêles grande parte da superfície natural do seixo conserva-se na face superior. Num dos picos nota-se a facêta média.

III

Distribuição geográfica do asturiense

O estudo do asturiense deve-se aos srs. Conde de la Vega del Sella e prof. H. Obermaier.

Em 1914 explorou aquele titular a *Cueva del Penicjal* (Astúrias), onde encontrou uma indústria com aspecto do paleolítico inferior (1).

A exploração de novas grutas (2) pelos citados arqueólogos, mostrou que se tratava duma civilização nova, o que levou Obermaier a dizer em 1916: « *Como elemento completamente nuevo aparece, después del azilo-tardenosiense, una civilización a la cual proponemos se dé el nombre de « Asturiense »; no encontrándose en ella ni cerámica ni piedra pulimentada* » (3).

Em 1923 publicou o sr. Conde de la Vega del Sella *El Asturiense — Nueva industria preneolítica* (4), onde reünira os resultados das suas explorações e as conclusões a que chegara sôbre a climatologia e cronologia do asturiense. Neste trabalho são enumeradas 16 localidades das *Astúrias* onde se encontrou o asturiense.

Na praia de *Moulligna* (Biarritz) encontra-se também o asturiense (5), tendo já em 1907 sido considerado como preneolítico

(1) Conde de la Vega del Sella, II.

(2) Ibid. V, págs. 63 e segs. e XIV, págs. 42 e segs.

(3) Obermaier, XXIII, pág. 334, ap. V, pág. 67.

(4) Conde de la Vega del Sella, XIV.

(5) Conde de la Vega del Sella, XIV, págs. 32-35.

pelos profs. Cartailhac, Obermaier e Breuil (1). É uma estação de ar livre, encontrando-se os instrumentos num corte de terreno, sob uma camada de turfa infraneolítica (2), juntamente com fragmentos de cerâmica grosseira e alguns instrumentos polidos (3).

No rochedo de *Mulon*, perto da ilha de *Houat* (Morbihan) foi explorada uma indústria do neolítico antigo, sincrónica ou um pouco posterior ao asturiense, segundo o prof. Breuil. Corrobora esta classificação a fauna, pois como nos concheiros asturienses, encontram-se troquídeos e faltam as littorinas (4).

No rochedo de *Er Yoh* (Morbihan) encontram-se *gros galets de quartz, grossièrement appointés*, que, segundo o prof. Breuil, serviriam para destacar os moluscos dos rochedos (5).

Na indústria desta estação notam-se sobretudo instrumentos de ôsso, e há machados polidos e fragmentos de cerâmica. A fauna é de tipo asturiense, visto que faltam as littorinas e aparecem os troquídeos.

É provável que na costa francesa se descubram mais estações asturienses, pois, como me comunica Mr. de Saint-Just Péquart, estas estações não teem sido particularmente estudadas.

Parece que esta cultura se estende à *Irlanda*, pois no Museu de *Dublin* existem peças dêste tipo da ilha de *Magee* (condado de Antrim) (6).

(1) Obermaier, XXIII, pág. 383.

(2) Obermaier, X, pág. 173 e XXIII, pág. 387; Conde de la Vega del Sella, XIV, págs. 33-35; Feuillade, I; Welsch, VI; Passemard, XII.

(3) Welsch, III-A, pág. 415, onde são citados: Bouillé, *Paléontologie de Biarritz*, 1.ª partie, 1873, pág. 449; e Jacquot, *Description géologique des falaises de Biarritz*, etc. Actes de la Soc. Lin. de Bordeaux, 1864, pág. 30.

(4) Dauntzberg et Fischer, XIX.

(5) Le Rouzic e Saint-Just Péquart, XXIX; S. J. Péquart, XXX; P. Bosch Gimpera, XXXIII.

(6) Bremer, XL.

Na *Cau del Duc* de *Torroella de Montgri* e na cova do mesmo nome de *Ullá* (Catalunha) aparece, segundo Obermaier (1), o asturiense, que o dr. Pericot supõe antes uma cultura post-paleolítica pobre aparentada com a asturiense (2), pela falta de utensílios típicos desta cultura.

Na costa atlântica encontram-se as estações de *La Guardia* (3), *Ancora* e *Afife*, que teem entre si grandes afinidades.

Alguns autores teem querido considerar como asturiense a estação de *Camposancos* (4) confundidos em parte pela existência na proximidade dum concheiro que julgam asturiense. No entanto, apesar-de estar muito perto da estação de *La Guardia*, o número de picos que se encontra em *Camposancos* é muito pequeno e os restantes instrumentos são bem diferenciados (5).

A cronologia do asturiense só está estabelecida para a costa cantábrica. É uma civilização costeira post-azilense caracterizada pelo *pico* e pela ausência de cerâmica.

Na fauna aparece o *Trochus lineatus*, que não existe no paleolítico superior. Faltam a *Littorina littorea* e o *Mytilus edulis* (que às vezes aparece em pequena porção numa fase avançada), tendo o primeiro molusco existido até ao azilense ou azilo-tardenosense (6).

O asturiense será talvez coetâneo do *optimum* climatérico

(1) Obermaier, XXIII, pág. 383; P. Bosch Gimpera, XVII e Pericot, XVI.

(2) Pericot, XLV.

(3) Jalhay, XXVII e XLI.

(4) Fontes, XXV e XXVI. Ver críticas em XXVIII e XXXIV.

(5) Obermaier reconhecendo elementos arqueológicos mais recentes (página 382) considera os restantes do paleolítico inferior, XXIII, pág. 191; Jalhay, XLI, págs. 10-11. É grande a semelhança da indústria camposanquense com parte da dos Arcos de Valdevez e arredores de Elvas. Notarei ainda a existência em Camposancos, Arronches e Elvas do mesmo disco circular, que não se encontra nas outras estações portuguesas.

(6) Conde de la Vega del Sella, V, XIV e XXIV, passim; Obermaier, XXIII, págs. 383 e 386.

post-glaciário (6.000-7.000 a J. C.), como se conclui do estudo da sua fauna (1) de clima mais quente do que o actual.

Esta indústria é considerada *preneolítica* por Obermaier e pelo Conde de la Vega del Sella (2) enquanto Bosch Gimpera a diz *protoneolítica*; sendo sincrónica do campigniense e do maglemosense (3). Para Rellini a técnica dos instrumentos asturienses apresenta semelhanças com a dos antigos amigdalóides italianos (4).

Vimos já que as indústrias de *Er Yoh* e ilha de *Houat* eram consideradas post-asturienses, encontrando-se misturadas com utensílios do neolítico inicial.

Pelo contrário, nas estações atlânticas aparecem instrumentos do paleolítico inferior e talvez do superior, o que faz pensar que sejam preasturienses como as da *Catalunha*. Além disso a riqueza destas estações sugere a ideia duma origem galaico-portuguesa para a cultura dita asturiense.

Pôrto, 14-v-1928.

(Desenhos do A.)

RÉSUMÉ

La station asturienne d'*Ancora*, découverte par l'auteur en 1925 et explorée par lui en 1928, est la première de cette époque étudiée au Portugal et l'une des plus riches de la Péninsule Ibérique.

C'est une station de surface, se déployant sur la plage, du Fort d'*Ancora* jusqu'à *Moledo do Minho* (fig. 1).

Les instruments sont taillés dans des galets roulés en quartzite, conservant le cortex à la base et à la face postérieure.

(1) Conde, XIV, pág. 38, e Obermaier, XXIII, págs. 386 e 400.

(2) Conde, XIV; Obermaier, XXIII, págs. 382-388; Conde de la Vega del Sella, *Teoria del glaciario*, etc. Mem. C. I. P. P., n.º 35, pág. 53. Madrid, 1927.

(3) Obermaier, XXIII, pág. 400.

(4) Rellini, XLII, pág. 180.

Cette taille et la forme aiguisée de la plupart des instruments, sont caractéristiques des *pics asturiens*, étudiés par la première fois aux *Asturies* (Nord de l'Espagne).

On connaît maintenant l'expansion de l'*asturien* à-peu-près par 1.600 km. de côtes du *Portugal* (Ancora et Afife), *Espagne* (Galice, nombreuses stations aux Cantabres, et Catalogne), *France* (Biarritz, Ile de Houat et Er Yoh), et peut-être en *Irlande* (comté d'Antrim).

L'« asturien » typique des *Cantabres* se présente en des amas de coquilles (*concheros*) déposés à l'entrée des grottes. On trouve des « pics » et d'autres instruments en quartzite, et de rares ustensiles en os. La céramique manque tout à fait et n'apparaît que dans les « concheros » voisins du néolithique.

La faune appartient à un climat plus chaud que l'actuel. On y remarque des trochidés, qui manquent dans le paléolithique supérieur; les littorines, qui disparaissent avec l'aziléo-tardenoisien, en sont absentes.

L'*asturien* est donc une culture pré-néolithique, contemporaine, en *Asturies*, de l'*optimum* post-glaciaire, pendant lequel se développent le *campygnien* en *France* et le *maglemosien* en *Scandinavie*.

L'abondance de patelles aux « concheros », fait croire à Mr. le Comte de la Vega del Sella que les « pics » seraient employés à arracher ces mollusques des roches, emploi avec lequel d'ailleurs leur forme s'accorde très bien. Mr. l'abbé Breuil est aussi de cet avis.

En *Ancora* on a trouvé plus de 500 pics, parmi lesquels il y a de nouveaux types à morphologie particulière, comme les *pics ancoréens* (figs. 8-9), les pics à bout curviligne (figs. 13-14), etc.

Sont aussi remarquables quelques gros exemplaires (figs. 6-7), des lames en quartzite (figs. 15-16) et des poids de filet (fig. 19).

Quelques instruments doivent représenter un stade pré-asturien, car l'A. a remarqué de semblables dans la plupart des stations paléolithiques portugaises. Parmi eux il y a un beau coup-de-poing (fig. 20) taillé sur les deux faces.

L'A. a découvert une autre station asturienne à *Afife* (fig. 1), avec une industrie semblable à celle d'*Ancora*.

BIBLIOGRAFIA E ABREVIATURAS (1)

Butll. A. C. A. E. P. — Butlletí de la Associació Catalana d'Antropologia, Etnologia i Prehistòria.

Bol. A. C. P. M. H. A. O. — Boletín Arqueológico de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense.

Rev. A. — Revue Anthropologique.

L'Anthr. — L'Anthropologie.

Journ. C. — Journal de Conchyliologie.

Mem. C. I. P. P. — Memorias de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas (Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas).

Trab. S. P. A. E. — Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

*

* *

I — FEUILLADE — *Traces de l'Homme préhistorique sur la plage d'Ilbarritz.* (Bull. Mensuel de la Biarritz-Association, t. XIX, n.º 6. Bayonne. 1914. Épuisé).

II — CONDE DE LA VEGA DEL SELLA — *La Cueva del Penicual (Asturias).* (Mem. C. I. P. P., n.º 4. Madrid. 1914).

III — EDUARDO HERNÁNDEZ-PACHECO — *Las tierras negras del extremo sur de España y sus yacimientos paleolíticos* e JUAN DANTIN — *Las tierras negras de Marruecos.* (Trabajos del Museo Nacional de Ciencias Naturales. Série geológica n.º 13. Madrid. 1915).

III-A — JULES WELSCH — *Les vallées pliocènes avec lignite de Bidart, Cénitz et Chabiague (Basses-Pyrénées).* (Extr. du Bull. de la Soc. Géol. de France, t. XV, 4.ª série, págs. 403-427. 1915).

IV — HUGO OBERMAIER — *El Hombre Fósil.* (Mem. C. I. P. P., n.º 9, 1.ª ed. Madrid. 1916).

V — CONDE DE LA VEGA DEL SELLA — *Paleolítico de Cueto de la Mina (Asturias).* (Mem. C. I. P. P., n.º 13. Madrid. 1916).

(1) Na bibliografia do asturiense reunimos algumas das mais importantes críticas aos trabalhos especiais, pelo interesse das opiniões nelas expendidas.

- VI—JULES WELSCH—*Les lignites du littoral et les forêts submergées de l'ouest de la France.* (L'Anthr., t. XXVIII, págs. 201-233. Paris. 1917).
- VII—L'ABBÉ H. BREUIL—*Observations sur les terres noires de la Laguna de la Janda.* (Ibid., págs. 235-240).
- VIII—H. BREUIL—Análise de V. (Ibid. pág. 448).
- IX—PEDRO BOSCH GIMPERA—*La Arqueología Preromana Hispánica.* (Apêndice à *Hispania* de A. Schulten, págs. 143-144. Barcelona. 1920).
- X—H. OBERMAIER—*Das Paläolithikum und Epipaläolithikum Spaniens.* (Anthropos. T. XIV-XV, págs. 143-179. Wien. 1919-1920).
- X-A—CONDE DE LA VEGA DEL SELLA—*El paleolítico de Cueva Morin (Santander) y Notas para la climatología cuaternaria.* (Mem. C. I. P. P., n.º 29. Madrid. 1921).
- XI—P. BOSCH GIMPERA—*Ensayo de una reconstrucción de la Etnología Prehistórica de la Península Ibérica.* (Boletín de la Biblioteca Menéndez Pelayo. Santander. 1922).
- XII—NILS ABERG—*Studier öfver den yngre Stenaldern i Norden och Västeuropa.* (Norrköping. 1912 (ou 1922?). Apud Bosch XVII, pág. 11).
- XIII—E. PASSEMARD—*L'industrie des tourbes de Mouligna.* (Apud XIV, pág. 33).
- XIV—CONDE DE LA VEGA DEL SELLA—*El Asturiense. Nueva industria preneolítica.* (Mem. C. I. P. P., n.º 32. Madrid. 1923).
- XV—H. OBERMAIER—*Impresiones de un viaje prehistórico por Galicia.* (Bol. A. C. P. M. H. A. O., vol. VII, n.ºs 148 e 149. Orense. 1923).
- XVI—LLUIS PERICOT—*L'Asturià de Montgri.* (Butll. A. C. A. E. P., vol. I, págs. 206-207. Barcelona. 1923).
- XVI-A—LLUIS PERICOT—*La prehistòria de la Península Ibérica.* (Col. Minerva, vol. XLI, pág. 21. Barcelona. 1923).
- XVII—P. BOSCH GIMPERA—*El problema etnológico vasco y la arqueología.* (Eusko-Ikaskuntza. Soc. de Estudios Vascos, págs. 10-13. San Sebastian. 1923).
- XVIII—P. B. GIMPERA—Análise de XIV. (Butll. A. C. A. E. P., I, pág. 169. Barcelona. 1923).
- XIX—PH. DAUNTZBERG et P.-H. FISCHER—*Coquilles trouvées dans le gisement préhistorique de l'île Houat (Morbihan).* (Journ. C., vol. LXVIII, págs. 155-157. 2.º trim., 1923).
- XX—H. OBERMAIER—*Fossil man in Spain.* (The Hispanic Society of America, págs. 349-359. New-Haven. 1924).
- XXI—P. BOSCH GIMPERA—*Die Vorgeschichte der Iberer.* (Mitteilungen der Anthr. Ges. in Wien. Bd. LV, II-III Heft, pág. 102. Wien. 1925).
- XXII—P. BOSCH GIMPERA et L. PERICOT—*Les civilisations de la péninsule ibérique pendant le néolithique et l'énéolithique.* (L'Anthr., t. XXXV, págs. 412-413. Paris. 1925).
- XXIII—H. OBERMAIER—*El Hombre Fósil.* (Mem. C. I. P. P., n.º 9, 2.ª ed., págs. 382-388 e 405. Madrid. 1925).
- XXIV—CONDE DE LA VEGA DEL SELLA—*La transición al Neolítico en la*

- costa Cantábrica.* (Memória XL da Soc. Esp. de Antropologia, Etnografia y Prehistoria. Actas y Memorias. T. IV, cuad. 3.º, págs. 165-172. Madrid. 1925).
- XXV—JOAQUIM FONTES—*Estação paleolítica de Camposancos (Pontevedra, Espanha).* (Brotéria; Série mensal Fé-Sciências-Letras, vol. I, págs. 7-16. Caminha. 1925).
- XXVI—JOAQUIM FONTES—*La estación Paleolítica de Camposancos. La Guardia, Pontevedra.* (Trad. Cast. de XXV por J. D. Fontela no Bol. A. C. P. M. H. A. O. T. VII, n.º 160, págs. 244-254. Orense. 1925).
- XXVII—P. EUGÉNIO JALHAY—*El Asturiense en Galicia.* (Bol. A. C. P. M. H. A. O. T. VII, n.º 165, págs. 341-352. Orense. 1925).
- XXVIII—J. M. SANTA-OLALLA—Análise de XXV. (Butll. A. C. A. E. P., vol. III, fasc. 2.º, pág. 247. Barcelona. 1925).
- XXIX—Z. LE ROUZIC et M. et M.ª SAINT-JUST PÉQUART—*Er Yoh. Nouvel outillage en os et en pierre découvert dans le Morbihan.* (Rev. A. XXXV.ª année, n.ºs 1-2-3, págs. 81-83. Paris. 1925).
- XXX—SAINT-JUST PÉQUART—*Kjoekkenmødding morbihanais sur l'îlot Er Yoh.* (Rev. A. XXXVI.ª année, n.ºs 1-3, pág. 84. Paris. 1926).
- XXXI—JULIO MARTÍNEZ SANTA OLALLA—*Origenes de Valladolid.* Notas de Prehistoria Vallisoletana, págs. 6-8. Valladolid. 1926.
- XXXII—J. M. SANTA OLALLA—Análise de XXVII. (Butll. A. C. A. E. P., IV, pág. 275. Barcelona. 1926).
- XXXIII—P. BOSCH GIMPERA—Análise de XXIX. (Butll. A. C. A. E. P., vol. IV, pág. 276. Barcelona. 1926).
- XXXIV—M. BOULE—Análise de XXV. (L'Anthr., t. XXXVI, pág. 337. Paris. 1926).
- XXXV—F. L. CUEVILLAS e F. BOUZA BREV—*Bibliografía da Prehistoria Galega.* pág. 11, ap. XLI. La Coruña. 1927.
- XXXVI—J. FONTES—*Uma excursão arqueológica à Galiza.* (Arqueologia e História, n.º V. Lisboa. 1927).
- XXXVII—M. BOULE—Análises de XXVII e XXXI. (L'Anthr., t. XXXVII, págs. 178-179. Paris. 1927).
- XXXVIII—JOSÉ F. MENENDEZ—*La necrópolis dolménica de la Sierra Plana en Vidiago.* Primera estación neolítica descubierta en Asturias. (Iberica. Rev. Semanal, vol. XXVII, n.º 678, págs. 312-317. Barcelona. 1927).
- XXXIX—CONDE DE LA VEGA DEL SELLA—*La industria asturiense y el ídolo prehistórico de Peña Tu.* (Iberica, vol. XXVII, n.º 683, págs. 392-393. Barcelona. 1927).
- XL—W. BREMER—*Die Stellung Irlands in der Europäischen Vor- und Frühgeschichte.* (Festschrift zur feier des Fünfundziebsigjährigen bestehens des Römisch-germanischen Zentralmuseum. Mainz. 1927. Apud XXXIII e XLV).
- XL-A—CONDE DE LA VEGA DEL SELLA—*Teoría del glaciario cuaternario por desplazamientos polares.* (Mem. C. I. P. P., n.º 35. Madrid. 1927).
- XLI—EUGÉNIO JALHAY—*A estação asturiense de La Guardia (Galiza).* (Sep. da Rev. Brotéria, vol. VI, fasc. II, págs. 1-12. Caminha. 1928).

XLII—UGO RELLINI—*Successione probabile delle Industrie Pleistoceniche Europeo-Africane*. (Rivista di Antropologia, vol. XXVII, págs. 179-180. Roma. 1926-27 (1928).

XLIII—P. BOSCH GIMPERA—*O neo-eneolítico na Europa Ocidental e o problema da sua cronologia*. (Trab. S. P. A. E., vol. III, fasc. IV, pág. 277-288. Pôrto. 1928).

XLIV—MENDES CORRÊA—Análise de XLI. (Trab. S. P. A. E., Id. págs. 351-352).

XLV—LL. PERICOT—*Els jaciments asturians del Montgri*. (A publicar no Anuari de l'Institut d'Estudis Catalans. Barcelona (1).



Fig. 1—Estação asturiense de Ancora. Vista parcial ao N. do Forte.

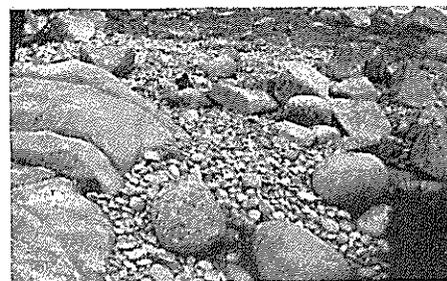


Fig. 2—Calhaus rolados. Ancora.

(1) Testemunho o meu agradecimento aos srs. dr. L. Pericot e dr. Serra-Ráfols, que me permitiram a consulta deste importante trabalho.



Fig. 1—Estação asturiense de Ancôra. Vista ao N. da capela de Santo Isidoro.



Fig. 2—Penedo do Raio. Ancôra.



Fig. 1—Corte de terreno na praia, Ancora.

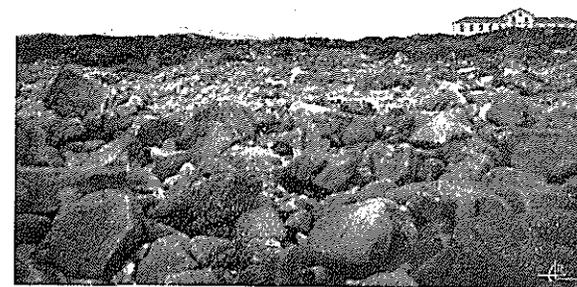


Fig. 2—Estação asturiense de Afife. Ao fundo o Sanatório.

